

Maurilio Andrade Rocha

Professor Associado da Escola de Belas Artes e docente permanente do Programa de Pós Graduação em Artes da UFMG. Coordenador do Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes – na UFMG. *mauriliorocha13@gmail.com*

RESUMO

O *Duelo de MCs* é um evento que ocorre desde 2007 em espaços públicos da cidade de Belo Horizonte, cuja principal atração são os combates entre improvisadores que se utilizam da variante *free style* da música *rap* para construir seus improvisos. Os participantes destas batalhas de rimas geralmente utilizam-se de três principais recursos que vão se alternando na construção de um bom improviso: o do ataque direto à pessoa do adversário, o da autopromoção e o *mensageiro da alteridade*. O presente artigo apresenta um estudo sobre aspectos improvisacionais observados em edições do Duelo a partir da sistematização proposta por Muniz (2015).

Palavras-chave: *Improvisação. Free style. Música rap.*

ABSTRACT

Duelo de MCs is an cultural event that takes place since 2007 in public spaces of Belo Horizonte city, whose main attraction are the fighting between improvisers who use the free style of rap music variant to build their improvisations. Participants of these battles of rhymes generally use of three key features that will alternate in the composition process of a good improvisation: the direct attack on the opponent, the self-promotion and the *messenger of otherness*. This article presents a study of improvisational aspects observed in the fighting from the systematization proposed by Muniz (2015).

Keywords: *Improvisation. Free style. Rap music.*

Resistência, identidade e improviso na construção de rimas *free style* no Duelo de MCs¹

No início do ano de 2012, Raísa Campos, uma estudante da licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Minas Gerais que me auxiliava em uma pesquisa de vídeos e canções na internet, falou-me sobre um evento conhecido como *Duelo de MC's* que se realizava sob o viaduto Santa Tereza, na cidade de Belo Horizonte. O entusiasmo com que Raísa narra o evento foi a primeira das várias manifestações de admiração juvenil ao Duelo e aos seus organizadores de que fui testemunha desde então.

Como eu estava envolvido em pesquisas que abarcavam de alguma forma a música rap e ocupações culturais de espaços públicos na cidade, percebi a importância de conhecer de perto o evento. Fui, então, em uma noite de sexta-feira de agosto de 2012 para a região central da cidade e pela aglomeração de pessoas sob o viaduto Santa Tereza pude facilmente encontrar o local onde ocorreria o *Duelo*.

Ali, sob o viaduto, muitas pessoas se agrupavam em pequenas rodas, conversando ao ar livre. Outros praticavam e exibiam suas evoluções no skate. Os primeiros grupos de pessoas pareciam distraídos, sem se conectar diretamente com a movimentação que ocorria em um palco mais ao fundo de onde vinha o som.

Artigo recebido em: 08/09/2015

Aceito para publicação em: 14/09/2015

¹ Agradeço ao Pablo Bernardo que gentilmente cedeu suas fotos para este trabalho.



Figura 1 – Duelistas se enfrentam em edição realizada sob o Viaduto Santa Teresa, hipercentro de Belo Horizonte. Foto de Pablo Bernardo.

Enquanto me aproximava do palco, a concentração de pessoas ia aumentando, até que cheguei em um aglomerado de centenas de pessoas, acomodando-se da melhor maneira possível, alguns sentados, muitos em pé, e, estes sim, totalmente sintonizados no que vinha do palco.

A plateia próxima ao palco acompanhava os duelos da noite atentamente e se manifestava com grande empolgação. Aos poucos a composição do público foi se evidenciando. Praticamente todos jovens, entre 16 e 30 anos, o que iria se repetir em todas as edições do Duelo que presenciei. Os duelistas, naquela noite ainda desconhecidos para mim, demonstravam, em menor ou maior medida, habilidades para improvisar versos a partir de temas propostos pelo apresentador, ao som das batidas de música *rap* vindas dos toca-discos.

O impacto que aquele primeiro contato com o evento causava em mim era imenso. Tanto pela grande diferença de idade entre mim e os jovens ali reunidos, quanto pelo tipo de música que ali se fazia e, especialmente, pelo formato da festa: duelo de *rappers* improvisadores, criando os versos no momento em que se apresentavam e despertando euforia na plateia quando atingiam improvisações surpreendentes.

Aquela noite em que pela primeira vez fui espectador do Duelo era uma das edições comemorativas dos cinco anos de existência do evento. Por coincidência, a partir de 2012 o evento conheceu um crescimento exponencial de público e de visibilidade na imprensa local.

As origens

O Hip Hop é um movimento cultural que envolve manifestações expressivas como a música e a poesia (discotecagem e música rap), a dança de rua e o grafite. O movimento surgiu nos subúrbios de Nova Iorque no início da década de 1970, quando, “num ambiente de rivalidade e degradação humana, vários DJs transportam para a rua os seus *soundsystems*, organizando festas de bairro” (FRADIQUE, 2003, p. 107). A partir daí o movimento se espalhou por diversas partes do mundo.

A música no HIP HOP faz parte de um movimento de expressão afrodiáspórica introduzido no Brasil a partir dos “bailes black”. A black music norte americana passou a fazer parte dos bailes negros no Brasil no início da década de 1970, principalmente com o ritmo do soul. Os “bailes black”, grandes bailes com ritmos dançantes, passaram a ser organizados no Rio de Janeiro e também em São Paulo neste período. Estes bailes foram os precedentes do movimento Funk e do HIP HOP (SOARES, 2013, p. 144).

A história do movimento Hip Hop em Belo Horizonte começou no início da década de 1980, passando por diferentes gerações até chegar na primeira geração de rimadores que fizeram parte do primeiro *Duelo de MCs* em 2007. O movimento foi se desenvolvendo na cidade a partir dos bailes para jovens realizados nos finais de semana em regiões periféricas e de programas de rádio com programação alternativa².

Influenciados por encontros de rua que já aconteciam na cidade de São Paulo, um pequeno grupo de adeptos da cultura Hip Hop de Belo Horizonte resolveu realizar também um encontro nas ruas da cidade. Como seus organizadores gostam de lembrar, no dia 24 de agosto de 2007, o primeiro encontro reuniu cerca de vinte pessoas na Praça Rui Barbosa, mais conhecida como Praça da Estação, no hipercentro da cidade. O Duelo começou na Praça da Estação por ser lá um ponto emblemático da cidade e um local de afluxo de vários ônibus que ligam os bairros periféricos ao hipercentro de BH.

² Fonte: Vídeo-Documentário *O Som Que Vem Das Ruas*. Disponível em: <<https://vimeo.com/99645819>>
Acesso em: 12 dez. 2014.

³ Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População de Rua / Miguilim (Criança e Adolescente) é um serviço municipal do Sistema Único de Assistência Social - SUAS especializado no atendimento às crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas.

A partir daquele primeiro encontro, o grupo passou a se reunir semanalmente, mas logo foram inibidos por ação de fiscais da Prefeitura da cidade, que proíbe qualquer manifestação naquela praça sem prévia autorização, que deve ser conseguida através da obtenção de um alvará e do pagamento de taxas. Assim, os encontros foram transferidos para o Espaço Miguilim³, localizado próximo à Praça da Estação, de onde também precisaram se mudar no final daquele ano por causa do início da estação chuvosa. Foi quando surgiu a ideia de realizar os encontros sob o Viaduto de Santa Tereza, localizado também a poucos metros dali, onde poderiam se abrigar das chuvas eventuais.

Apesar de terem encontrado um espaço sem nenhuma infraestrutura para a realização de eventos, como lixeiras, iluminação noturna adequada, pontos de energia ou banheiros, os organizadores perceberam o grande potencial do local. Assim, o grupo providenciou o alvará municipal para realizar o evento e iniciou sua luta pela revitalização do local e pelo direito à utilização artística e cultural do espaço público, luta que continua até hoje.

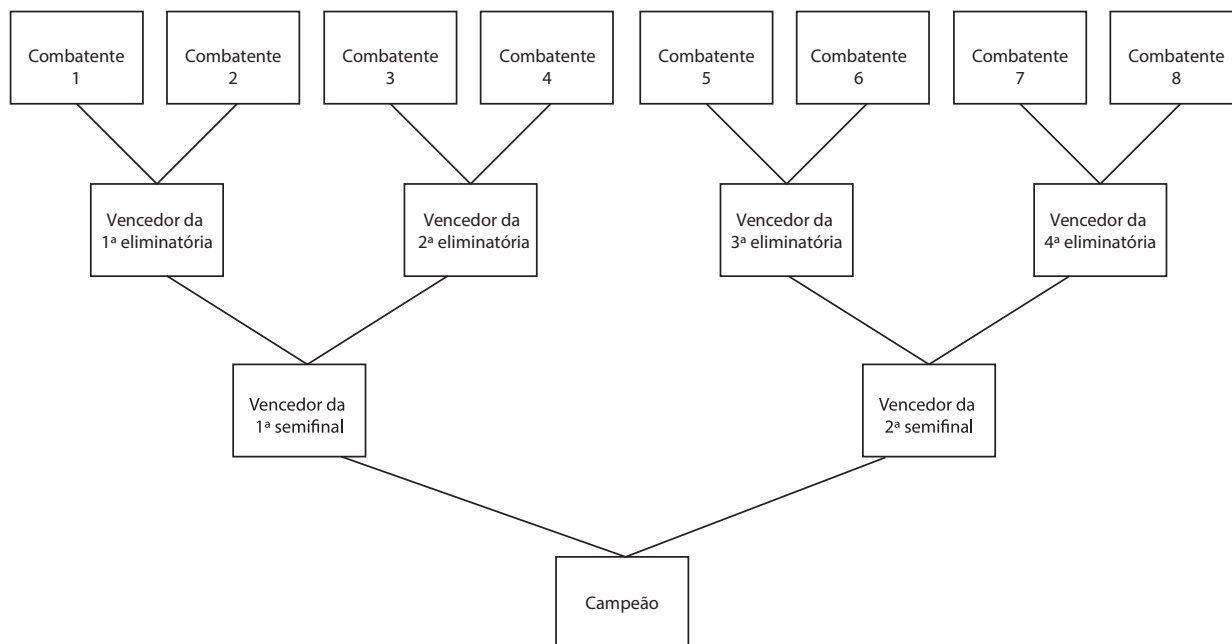
O formato das batalhas

Durante várias semanas subsequentes, entre os anos de 2012 e 2014, frequentei como espectador edições do Duelo nas noites de sexta-feira e aos sábados e domingos à tarde. Aos poucos fui elaborando meu próprio entendimento sobre o evento, compreendendo as regras das batalhas e me familiarizando com o caráter de resistência cultural que marca o Duelo.

A descrição do evento que farei a seguir é fruto desses quase três anos em que frequentei o Duelo como espectador e do acompanhamento de postagens realizadas nas redes sociais, em especial o *facebook*, e de reportagens em jornais locais. Durante o período em que acompanhei as edições do Duelo, o evento chegou a reunir até 5.000 pessoas nas edições comemorativas, segundo os organizadores.

O ponto principal do evento é o duelo entre improvisadores (MC's) que compõem rimas improvisadas no momento, diante do público, em um estilo de música rap denominado *free style*. Oito MC's participam do duelo a cada edição e interessados em participar como combatentes no duelo do dia se inscrevem para um sorteio que definirá os oito participantes. Os combatentes sorteados se enfrentam em quatro eliminatórias, duas semifinais e a grande final (Figura 2). Em cada etapa, cada MC ataca e defende-se dos ataques do rival, em rodadas de cerca de um minuto. Cabe aos juízes – dois membros da organização ou seus convidados – e ao público presente escolher os vencedores de cada etapa através de gestos, gritos e palmas.

As batalhas podem apresentar pequenas variações em seu formato, sendo denominadas por Batalha Tradicional, Duelo Bate e Volta ou Batalha do Conhecimento. Na *Batalha Tra-*



dicional cada MC tem dois *rounds*⁴ de cerca de um minuto para vencer seu adversário com rimas de ataque e defesa. Após os dois primeiros rounds, é realizada a votação e havendo indefinição sobre o vencedor um novo *round* de um minuto para cada improvisador é realizado, após o que procede-se uma nova e definitiva votação. Neste estilo não há temática determinada para os participantes, que podem improvisar livremente. Na *Batalha do Conhecimento*, os duelistas devem rimar sobre temáticas propostas pela organização, com temas geralmente relacionados a questões que envolvem a juventude e a cidadania. Na *Batalha do Bate e Volta*, a duração dos rounds é marcada por compassos e não por minutos. Cada MC tem dois a quatro compassos para improvisar. Os improvisadores vão se alternando até completarem quatro a cinco intervenções para cada um, com maior exigência no ajuste das rimas criadas à marcação dos compassos da música escolhida pelo DJ.

Os improvisos

Muniz (2015) sistematizou o pensamento sobre o trabalho na improvisação como espetáculo teatral, forma de improvisação cênica diante do público que apresenta grande correspondência com o *free style* da música rap. O

Figura 2 – Organograma do Duelo de MCs. Os oito participantes sorteados duelam em quatro eliminatórias. Os quatro vencedores das eliminatórias duelam em duas semifinais e os dois finalistas disputam a grande final, que aponta o campeão da edição.

⁴ Os organizadores do Duelo utilizam regras e denominações que se assemelham às do pugilismo, onde os períodos de duração pré-determinada durante um combate são denominados *rounds*.

entendimento dos conceitos apresentados pela autora nos auxilia na compreensão das batalhas do Duelo, uma vez que aqueles que vão assistir ao evento querem, acima de tudo, presenciar bons improvisos.

Muniz denominou por *escuta* e *rebote* aquilo que considera como os elementos básicos da Improvisação, os quais podem ser definidos como segue:

O pilar fundamental da improvisação é a *escuta*. Ao improvisar, a escuta de si próprio, de seu companheiro [ou adversário, no caso do Duelo] e do público é condição *sine qua non* à construção de uma ação dramática. O bloqueio de uma improvisação se deve, na maioria das vezes, à dificuldade de *escutar* em cena. (MUNIZ, 2015, p. 167)

Figura 3 – Público em votação durante edição do Duelo realizada sob o Viaduto Santa Teresa, hipercentro de Belo Horizonte. Foto de Pablo Bernardo.

De maneira geral, boas improvisações no Duelo derivam de uma boa *escuta* por parte dos duelistas que, atentos ao que está sendo dito pelo adversário, sabem tirar proveitos de suas falas e formular *rebotes* em rimas surpreendentes de autopromoção ou desqualificação do rival. Interessante notar



que, no caso dos *rappers* que se enfrentam em duelos de *free style*, a escuta é um fator fundamental tanto para a criação dos improvisos quanto para ajustá-los aos compassos da música-base que é tocada pelo DJ.

O *rebote* seria uma resposta imediata a uma rima do adversário, em uma associação livre de ideias que contempla os “primeiros pensamentos” ou as “associações imediatas”, apostando na qualidade das primeiras reações (MUNIZ, 2015, p.174). Como os combates no Duelo são curtos, cerca de um minuto, os primeiros pensamentos e associações são a principal matéria prima dos duelistas.

O rebote parte da escuta e ambos são os elementos mais básicos da improvisação. A escuta ativa e intencionada provoca o *rebote* e este é o motor de toda ação improvisada. O rebote, assim como a escuta, demanda um treinamento específico. A principal dificuldade de um improvisador inexperiente é aceitar seus primeiros pensamentos e deixar que fluam as associações livres (MUNIZ, 2015, p.174).

O improviso mais rico e surpreendente de forma geral é conseguido através de uma boa escuta pelo duelista e de um bom rebote distante.

Além de praticar o *rebote imediato*, ou seja, aquele surgido a partir da associação semântica imediata ao estímulo, o improvisador deve também treinar-se para que suas associações não sejam sempre relacionadas ao conjunto semântico do estímulo, treinando outros tipos de rebotes. Habilitar-se a fazer associações que não tenham seu sentido estreitamente vinculado ao estímulo gerador é o que se chama treinar o rebote distante (MUNIZ, 2015, p.174-175).

Os princípios que caracterizam um bom duelista e que são de forma recorrente apontados nos próprios versos improvisados são a capacidade de rimar de forma realmente improvisada, o compromisso com a música rap, o compromisso com a paz e com outros valores coletivos. Entre as principais características da boa improvisação estão o deboche, a ironia, o uso de rimas surpreendentes em resposta ao discurso do adversário, evitando o excesso de rimas padronizadas ou óbvias.

Entre os aspectos negativos que são atribuídos aos concorrentes nos duelos destaca-se a suposta incapacidade de o concorrente rimar de forma improvisada, utilizando-se em excesso de rimas decoradas e pouco articuladas com a temática apresentada ou com o desenvolvimento do duelo em curso.

Também importante para manter a improvisação em alto nível é a intercalação das formas do discurso. Quando o improvisador mantém-se em discurso agressivo e em ataque direto à pessoa do adversário durante toda a improvisação, sua performance corre o risco de tornar-se repetitiva e perder o interesse. Porém, ao intercalar momentos agressivos com

⁴ O termo mensageiro da alteridade é aqui proposto na tentativa de denominar um conteúdo frequente nas rimas improvisadas, não sendo, portanto, de uso corrente na cultura Hip Hop.

momentos de autopromoção e com momentos em que o improvisador assume o papel de *mensageiro da alteridade*⁴, a improvisação ganha em interesse e nuance. Nesses dois últimos casos, o improvisador desloca o discurso para si (apresenta-se como legítimo representante da cultura Hip Hop, por exemplo) ou para o *outro* (apresenta-se como defensor da paz, ou da igualdade de direitos, por exemplo), respectivamente. Poderíamos identificar assim três principais momentos que vão se alternando em um bom improviso: o do ataque direto à pessoa do adversário (sua pequena capacidade de improvisação, seus aspectos físicos ou mesmo características subjetivas que são deduzidas pelo improvisador); o da autopromoção (discursos em torno de si) e o do mensageiro da alteridade.

No palco, os duelos são marcados por rimas improvisadas, recheadas de expressões de violência. Ao final de cada duelo os MC's se cumprimentam, deixando claro que ali a violência se circunscreve apenas ao jogo de palavras. A plateia se confraterniza e diverte calorosa e pacificamente. Invariavelmente, as letras improvisadas se apresentam como cartografias poéticas da periferia de Belo Horizonte, e por extensão, das periferias das grandes cidades brasileiras. Os improvisos quase sempre trazem depoimentos das situações de exclusão, invisibilidade e marginalidade dos jovens da periferia da cidade, independente de qual seja a temática escolhida para o duelo.

O Duelo de MC's é uma prática espetacular onde a convivência humana se faz rica em diversidade. Onde a música e a performance dos duelistas nos permitem interpretar o cotidiano da cidade, marcado pela desigualdade social e pela busca de afirmação de identidades através de manifestações culturais. Os jovens de diversas camadas sociais que se encontram em torno do evento encontram um espaço de diversão, exibição, conexão, autoafirmação, e confraternização. Encontram também um espaço de protesto contra a segregação social causada pela pobreza. Ali, sob o viaduto ou na praça, pulsa uma vida social experimentada e tornada significativa através da música e da performance dos duelistas, que nos permite interpretar o cotidiano da cidade através de outras vozes e de outras narrativas, ampliando assim seu ambiente sonoro (FELD, 2003).

O público participa ativamente no desenvolvimento do duelo através dos aplausos e gritos que comemoram um rebote extraordinário, da votação pelo melhor duelista e dos pedidos pelo terceiro round em casos de empate.

Os organizadores elaboraram critérios técnicos de avaliação⁶ do desempenho dos MCs nos Duelos. Os aspectos que devem ser considerados positivamente pelos juízes são:

- Combatividade (Ataque / Resposta)
- *Flow* (Dicção, Ritmo, Métrica, Interpretação / Criação Musical)
- Contexto (Coerência nos versos)
- Criatividade (Vocabulário / Conhecimento / Improviso / Postura)

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/familia-de-rua/regulamento-duelo-de-mcs-nacional-2014-pré-eliminatórias-mg/527417270696139>>. Acesso em: 28 dez. 2014.

Os aspectos que devem implicar penalidades para os duelistas são presença de expressões de preconceitos de qualquer natureza, como racismo, sexismo, homofobia, transfobia, ou apologia a regimes políticos totalitários nos improvisos; tocar de forma desrespeitosa o corpo do adversário; referir-se a familiares ou pessoas do círculo afetivo do adversário de forma desrespeitosa na batalha. Agressão física ao adversário, aos juízes, ao apresentador, ao DJ ou ao público é passível de eliminação do evento.

Após o voto dos juízes, o árbitro consulta o público, que escolhe por aclamação seu duelista preferido, sendo que a indicação da maioria dos espectadores conta como um único voto. A prática como espectadores desenvolve no público um apuro para apreciar os improvisos. É interessante notar que há grande consenso entre o público quanto ao vencedor da dupla em combate ou quanto a necessidade da realização de um terceiro *round*. Na maior parte dos duelos que presenciei, a votação do público deixou poucas dúvidas sobre o combatente escolhido como vencedor. Em diversas outras

Figura 4 – Público em votação durante edição do Duelo realizada sob o Viaduto Santa Teresa, hipercentro de Belo Horizonte. Foto de Pablo Bernardo.



vezes, quando ambos combatentes demonstravam perícia no improviso, o público pedia com entusiasmo a realização do terceiro *round*, também de forma inequívoca. Em caso de empate entre os votos dos juízes e do público, e normalmente atendendo a pedidos insistentes da plateia, o apresentador ordenava então a realização do terceiro *round*, com mais um minuto para cada combatente improvisar.

A formação de um improvisador para o *free style* exige muito treinamento, que é feito de forma autodidata, através da repetição e da procura pela ampliação do vocabulário e do conhecimento através de estudo e leituras. Participar de batalhas de rimas improvisadas torna-se um objetivo para muitos jovens e vencer uma disputa no Duelo uma grande realização pessoal. Como não há uma metodologia de aprendizado, os duelistas praticam a técnica da improvisação entre seus colegas, às vezes até nos intervalos das batalhas em que são espectadores. Nas palavras de um *rapper* que ficou bastante conhecido por suas performances no Duelo, “a faculdade é a rua e a pós-graduação é o Duelo”⁷.

⁷ Fonte: Vídeo-Documentário *O Som Que Vem Das Ruas*. Disponível em: <<https://vimeo.com/99645819>>. Consultado em 12/12/2014.

REFERÊNCIAS

FELD, Steven. Rainforest Acoustemology. In: BULL, Michael; BACK, Les (Eds.). *The Auditory Culture Reader*, p. 223-240, New York: Berg Publishers, 2003.

FRADIQUE, Teresa. *Fixar o movimento: representações da música RAP em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

MELO, Thálita Motta. *Praia Da Estação: Carnavalização e Performatividade*. 2014. 168 f. (Dissertação. Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MUNIZ, Mariana de Lima e. *Improvisação como espetáculo: processo de criação e metodologias de treinamento do ator-improvisador*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

SOARES, Maria Andrea dos Santos. Tá na base: etnografia das performances da fala e do gestual dos *rappers* da ALVO. In: LUCAS, Maria Elizabeth (org.). *Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical*. Porto Alegre: Marcavísal, 2013.